

REFLEXÕES SOBRE O CORPO E O TRABALHO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Tadeu João Ribeiro Baptista^a

^aRua C-146, Qd. 400, Lt. 6, Casa 1, Jardim América, Goiânia, GO, Brasil, UFG, E-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br

Recebido em 15 10 2012, Aceito para publicação em 30 11 2012, Disponível online dia 21 01 2013.

Resumo

O corpo sempre teve importância para a Educação Física, visto que, este sempre foi, grosso modo, o principal ponto de intervenção do campo de conhecimento. Contudo, desde a sua origem moderna, a Educação Física sempre esteve a serviço de um corpo que atendesse às exigências do trabalho capitalista. Por isso, este texto fundamentado no materialismo dialético foi construído na perspectiva de um ensaio teórico, baseado em uma revisão de literatura, apresenta como problemática central a seguinte discussão: como a Educação física tratou o corpo a partir de sua relação com o trabalho e, como ela deveria agir buscando um corpo autônomo e emancipado.

Palavras-chave: Corpo, Educação Física, Trabalho.

Abstract

The body was always important to physical Education, whereas, it was the principal object of intervention for this knowledge field. So, since its modern genesis, the Physical Education tried to serve the capitalist work interesting. Therefore, this text reasoned dialectical materialism was constructed into a theoretical essay, based in a literature review, presenting as central scientific problem discussion: how Physical Education has been treated the body having from its relationship with work and, like it should act to pursue an emancipated and autonomous body.

Keywords: Body, Physical Education, Work.

Introdução

O corpo possui uma longa história. Uma história de desenvolvimento biológico que se constitui desde os primórdios, o qual aconteceu por uma relação de metabolismo entre homem e natureza, como diz Marx¹. Esse fato exigiu transformações que foram estabelecidas pela objetividade do trabalho ao longo dos tempos.

Por outro lado, este corpo possui uma história de concepções. Desde a Antiguidade Clássica, pensadores como Platão definem o corpo de alguma forma. Para aquele filósofo grego, o corpo era o cárcere da alma, concepção esta que já atingiu o senso comum. Poder-se-ia ainda mencionar vários outros pensadores que definiram o corpo como Descartes, Spinoza, La Mettrie, Hegel, Marx, Merleau-Ponty, entre outros.

Todavia, muito mais importante do que contar a história do corpo pelo seu desenvolvimento biológico ou pelas suas concepções filosóficas e sociológicas em uma perspectiva linear e aparential, é tentar entendê-lo enquanto um corpo histórico e, que é determinado por dois movimentos, sendo a) um movimento do corpo no tempo em que ele está datado e; b) outro movimento relativo aos corpos que o antecederam.

No primeiro movimento, o corpo possui as marcas do seu tempo de existência, ou seja, ele tem uma estética própria, com características individuais desenvolvidas socialmente. As diferentes marcas e símbolos, ornamentos, roupas e acessórios fazem parte do aparato cultural do período vivido, muitas vezes ditados pela Indústria Cultural, conforme mencionam Adorno e Horkheimer². Além disso, as práticas corporais e outras influências externas configuram certas exigências para o corpo no tempo de suas experiências.

No outro movimento, o corpo é fruto de seus antecedentes. Em outras palavras, o corpo de um filho depende, não só geneticamente, mas da história do corpo de seus pais e avós, assim como das condições objetivas de existência dos seus genitores. Assim, alguém nascido em uma família pobre e que passa fome, não pode, salvo por algum distúrbio fisiológico, nascer com obesidade, nem desenvolvê-la nos primeiros momentos de vida.

Ainda sob este aspecto Medina³, discorre sobre a presença de um corpo burguês com algumas características que contrastam com as do corpo marginal, sendo ambos “produzidos” pela história da luta de classes sociais no Brasil.

Dentro desse processo de consolidação corporal, a Educação Física, enquanto campo de conhecimento acadêmico tem uma responsabilidade enorme sobre o corpo, constituindo-se em uma via efetiva para a sua transformação, a qual se faz pelo domínio que exerce sobre ele [corpo] por meio do treinamento em todos os níveis, com objetivos muito específicos.

Destarte, a problemática central deste ensaio, baseado em uma revisão de literatura, é discutir a relação colocada entre o corpo e a Educação Física, sendo esta compreendida como formadora do corpo para o trabalho, o que apontará para uma prática que atende acima de tudo os interesses da burguesia.

Apesar de saber que a temática relacionada aos vínculos do corpo com a Educação Física e o trabalho já foi explorada anteriormente por Soares⁴⁻⁶, Bracht⁷, além do debate existente sobre o domínio do corpo como forma de se exercitar a preponderância sobre a natureza⁸, pretende-se contribuir para esta discussão a partir da lógica de que o corpo é histórico e que as suas determinações são, entre outras, estabelecidas pelo trabalho.

Dessa forma, é o objetivo central demonstrar dois aspectos importantes na relação entre o corpo e a Educação Física, os quais se convertem em duas partes, a saber. O primeiro objetivo se converte no primeiro item, cujo foco é demonstrar o papel que a Educação Física exerce sobre o corpo desde meados do século XIX, onde a ginástica era o grande carro chefe dessa área nascente, procurando garantir o corpo necessário ao Trabalho. O segundo objetivo, apresenta-se na forma do segundo item, a partir do qual se pretende refletir sobre o corpo na atualidade, face aos desafios colocados pela Indústria Cultural, e a necessidade de se reverter o quadro de repressão do corpo, utilizando a Educação Física como aspecto educativo voltado para a autonomia e emancipação humana.

1. Da História já contada da Educação Física: O corpo para o trabalho

O corpo é em si uma construção bastante interessante e complexa. Por um lado o corpo, ao se pensar no desenvolvimento filogenético do ser humano, sempre dependeu das exigências colocadas pela natureza, de onde tirava o seu sustento. Ao mesmo tempo, na concepção marxista de corpo, pode se afirmar que a natureza é o corpo inorgânico do homem, através do qual, se torna possível, por um lado, o contato da natureza com ela própria, haja vista, o corpo ser natural.

Por outro, permite-se o contato do homem consigo mesmo, pois a natureza possui uma história que é uma história humana. Em outras palavras, a natureza só faz sentido para a consciência humana, ou seja, a noção de natureza só existe porque ela é um objeto para o ser humano, sem o qual, aquela [natureza] não faz sentido algum. Afinal, os elementos externos ao ser humano, são responsáveis pela constituição de sua consciência, porquanto, é na relação existente entre o sujeito e o objeto que a humanidade se diferencia e se constrói⁹.

Neste processo dialético o corpo se constrói, ficando em pé, desenvolvendo o cérebro e alterando a posição do polegar, mas, muito mais do que estas alterações biológicas, o corpo propicia ao homem o desenvolvimento da consciência-em-si, que produz o humano⁹. É por ela, que se constituem as diferentes produções humanas como a cultura, a religiosidade e outros.

Mas, é importante dizer que as construções só se tornam possíveis através do corpo, pois ele é síntese da materialidade humana responsável pela construção da natureza à sua volta. Assim, ao transformar a natureza, a humanidade elabora a própria consciência constantemente, considerando o fato de cada ação provocar novas transformações sobre a subjetividade e percepção do ser. Pensando desta maneira, o corpo só se consolida pela sua ação, e esta ação é o trabalho por meio do qual o ser humano se constitui.

Todavia, o corpo para trabalhar precisa atender a certas exigências, afinal, ele precisa possuir as propriedades e as condições objetivas para a sua realização. Com isso, o corpo com os seus atos, transforma a natureza. Deve-se mencionar que o

[...] ato de produção do indivíduo, resume-se à reprodução de seu próprio corpo através da apropriação dos objetos previamente preparados pela natureza para consumo? A razão é que, mesmo quando estes devem ser apenas encontrados e descobertos, o esforço, o trabalho – como a caça ou a pesca, o pastoreio – e a produção (i. e., o desenvolvimento) de certas capacidades pelo sujeito logo se fazem necessários (MARX¹⁰, 1986, p. 86)

As capacidades desenvolvidas pelos seres humanos são necessariamente relacionadas às condições de trabalho de cada período histórico. Sendo assim, o corpo precisa se conformar a isso, apresentando as habilidades necessárias às suas relações.

Complementando, pode-se afirmar que se o período histórico tem uma produção mais rural, o corpo precisa atender a essas exigências. Se o ciclo se manifesta por uma produção mais artesanal, vinculada mais à utilização de máquinas e implementos, o corpo deve desenvolver a coordenação motora necessária para este trabalho, de forma que garanta sempre a sua relação de metabolismo face à natureza circundante.

Destarte, durante os períodos de formações econômicas pré-capitalistas, o trabalho que era um tanto quanto rural, possuindo ainda evidências artesanais, construiu a identidade do ser humano, visto que, na concepção de Hegel⁹ o trabalho tende a gerar reconhecimento, por isso, forma a consciência, tendo em vista que o objeto (produto) do trabalho, pertence ao trabalhador. Ademais, ao refletir duplamente sobre o objeto (reflexão no sentido de pensar sobre o objeto produzido e, simultaneamente, reflexão enquanto forma de se enxergar no produto), o homem entende-se enquanto ser distinto dos demais⁹.

Contudo, ao avançarmos para o modo de produção capitalista, as coisas se transformam radicalmente. O trabalhador que antes era o dono do seu trabalho não mais o detém, a única coisa que lhe resta é, na realidade, a sua própria força de trabalho, a qual ele vende e daí tira o seu sustento através do salário¹¹.

Ele continua a produzir e a reproduzir mercadorias, assim como nos períodos anteriores, mas, ele não mais a produz para si próprio, mas para o outro. Eis a primeira manifestação da alienação, que Marx¹¹ apresenta nos “Manuscritos Econômico-Filosóficos”. Neste texto o autor comenta:

Na medida em que o trabalho alienado tira do homem o elemento da sua produção, rouba-lhe do mesmo modo a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, então que lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico.

Do mesmo modo que o trabalho alienado degenera em meio a atividade autônoma, a atividade livre, da mesma forma, transforma a vida genérica do homem em meio à existência física.

A consciência que o homem tem da própria espécie altera-se por meio da alienação, de modo que a vida genérica se transforma para ele em meio. (MARX¹¹, 2002, p. 227)

Eis um ponto bastante importante no debate proposto por Marx¹¹ e que também se apresenta em seus estudos sobre as formações pré-capitalistas, de que a

própria vida genérica do homem é um meio para o trabalho, dessa forma, refletindo-se que esta objetividade se apresenta pelo corpo, é ele, em-si, que é o meio de produção da própria vida. Contudo, este meio se torna estranho a ele mesmo, não mais se reconhece no que ele produz, visto que este objeto não lhe pertence. Ainda mais, o corpo continua desenvolvendo as capacidades necessárias ao trabalho, porém, não mais como humano, mas como animal ou máquina¹¹.

Todavia, este não é o extremo da alienação. No limite, a alienação se constitui na perda do outro enquanto humano, bem como, de si mesmo¹¹. O trabalhador já não se vê como homem, mas como uma coisa. Ele se percebe apenas como o apêndice de uma grande engrenagem, que se movimenta autonomamente, independente de sua vontade e de seus desejos, não é mais ele que gira a roda, mas, o contrário. É a perda total de sua objetividade.

O homem não aparece, nem objetivamente, nem em seu comportamento em relação ao processo de trabalho, como verdadeiro portador desse processo, em vez disso, ele é incorporado como parte mecanizada num sistema mecânico que já encontra pronto e funcionando de modo totalmente independente dele e cujas leis ele deve se submeter. (LUKÁCS¹², 2003, p. 203-4)

Em decorrência de todo este processo de perda do objeto produzido, do outro e de si mesmo, pode-se afirmar que o homem, perde a sua identidade, coisifica-se (reifica-se), primeiro, enquanto corpo que se converte em máquina, e depois, é a própria consciência-de-si que se torna uma coisa para o homem. Após tudo isso, pode-se afirmar:

Para a consciência reificada, essas formas do capital se transformam necessariamente nos verdadeiros representantes de sua vida social, justamente porque nelas se esfumam, a ponto de se tornarem completamente imperceptíveis e irreconhecíveis, as relações dos homens entre si e com os objetos reais, destinados à satisfação real de suas necessidades. (LUKÁCS¹², 2003, p. 211)

Lukács irá procurar compreender de maneira ainda mais clara a reificação proletária. De fato, “[...] o proletariado aparece como produto da ordem social capitalista. Suas formas de existência [...] são constituídas de tal maneira, que a reificação deve se manifestar nelas de modo mais marcante e mais penetrante, produzindo a desumanização mais profunda” (LUKÁCS¹², p. 309).

Mas, como a Educação Física entra nessa história? Carmem Soares⁵ (2001a) descreve que a Educação Física é a filha mais nova do positivismo com as ciências biológicas. Este campo de conhecimento com suas origens no século XIX tem uma grande tarefa a cumprir: garantir que o corpo esteja apto para a realização do trabalho. Afinal, esta é uma das estratégias utilizadas para se desenvolver certa disciplina do corpo, bem como a sua perfeição.

Esta perfeição é necessária para o desenvolvimento do trabalho, pois, apenas um corpo perfeito tem plenas condições de exercer o esforço necessário para o trabalho, uma vez que, o corpo no nascimento do capitalismo é submetido a várias horas seguidas de trabalho. Uma prova disso é enunciada por Marx¹ (1996, p.346):

[...] a jornada de trabalho possui um limite máximo. Ela não é, a partir de certo limite, mais prolongável. Esse limite máximo é duplamente determinado. Uma vez pela limitação física da força de trabalho. Uma pessoa pode, durante o dia natural de 24 horas, despende apenas determinado quantum de força vital. **Dessa forma, um cavalo pode trabalhar, um dia após o outro, somente 8 horas. Durante parte do dia, a força precisa repousar, dormir, durante outra parte a pessoa tem outras necessidades físicas a satisfazer, alimentar-se, limpar-se, vestir-se, etc. Além desse limite puramente físico, o prolongamento da jornada de trabalho esbarra em limites morais. O trabalhador precisa de tempo para satisfazer a necessidades espirituais e sociais, cuja extensão e número são determinados pelo nível geral de cultura.** A variação da jornada de trabalho se move, portanto, dentro de barreiras físicas e sociais. Ambas as barreiras são de natureza muito elástica e permitem maiores variações. Dessa forma encontramos **jornadas de trabalho de 8, 10, 12, 14, 16, 18 horas**, portanto, com as mais variadas durações (Grifo nosso).

Dois pontos merecem destaque nesta passagem de Marx. O primeiro demonstra que havia certo respeito pela jornada de trabalho diária máxima de um cavalo, mas não de humanos, entre os quais estavam presentes muitas crianças.

Por outro, as jornadas de trabalho naquele período eram, no limite, impraticáveis para uma pessoa comum, não é possível que alguém suporte uma carga de trabalho diária tão alta que em breve não esteja completamente estafado. Alguma coisa precisa ser feita para garantir a produção.

Para suportar esta enorme jornada de trabalho, o trabalhador precisa desenvolver outras atividades que lhe garantam saúde¹, resistência e força para predispor fisicamente para o seu trabalho.

É com este papel que se pensa e se consolida a própria Educação Física. A grande meta inicial é construir um homem que atenda aos requisitos do novo modelo social. De acordo com Soares⁵, este homem, na realidade este trabalhador tem que estar apto à realização do seu trabalho. A Educação Física torna-se então a grande protagonista de um corpo totalmente saudável, e como diz a autora supracitada,

[...] saudável porque faz exercícios físicos. Entretanto, o exercício físico não é saudável em si, não gera saúde em si, é apenas e tão somente um elemento, num conjunto de situações, que pode contribuir para um bem-estar geral e, neste sentido, aprimorar a saúde, que não é um dado natural, um a priori. Ao contrário, a saúde é resultado, porque, mais que o vigor físico corporal, compreende o espaço de vida dos indivíduos, daí não ser possível medi-la, nem avaliá-la apenas pela aparência de robustez e fadiga (SOARES⁵, 2001a, p.50).

As palavras de Carmem Soares chamam a atenção, porque, até os dias atuais, encontram-se diversos professores adeptos da ideia de que a atividade física e o exercício podem inclusive sozinhos, promover saúde. Esta ilusão já deveria ter sido derrubada há muito tempo, tendo em vista inclusive o próprio desenvolvimento de certa abordagem da temática relativa às práticas corporais e saúde feita pelo viés da saúde coletiva. Enfim, isto é um fato a ser reavaliado.

Além disso, existem outros aspectos a serem revistos e que também são discutidos por Soares¹³: a necessidade de formação de um novo corpo; um corpo reto.

¹ Deve-se destacar aqui a ideia inicial de saúde como “ausência de doenças” que permitam ao trabalhador chegar ao relógio do ponto no dia seguinte, como diriam Adorno e Horkheimer (1985) e nada mais do que isso.

A Segunda metade do século XIX é um período no qual a Ginástica, embora ainda pautada por questões militares, estará cada vez mais próxima de cientistas, médicos higienistas e laboratórios de pesquisa. Seu caráter higiênico alarga-se, imprime-se, então, uma outra estética, **a estética da retidão**. Multiplicam-se nesse momento, pesquisas sobre o movimento, sobre sua utilização na vida cotidiana e particularmente, **no mundo do trabalho** (SOARES¹³, 2001c, p. 58). (Grifo nosso).

A Educação Física atende assim a dois grandes pontos, os quais se configuram, juntamente com a ideia de saúde física, como elementos importantes, dir-se-ia até, fundamentais: a estética e o uso comedido do corpo. Por um lado, atendendo as novas exigências postas pelo modo de produção capitalista, essa área de conhecimento contribui para a formação de um novo paradigma estético, tendo como referência a, já mencionada, retidão. A partir da perspectiva da retidão se determina a compreensão de corpo belo ainda existente. Este corpo deve ser magro, forte, resistente e jovem¹³.

Por outro, cabe à Educação Física o estudo dos movimentos para que eles sejam mais bem utilizados no mundo do trabalho, visto que, as demandas laborais nem sempre eram compatíveis com o “uso” comedido do corpo.

Compreende-se aqui a retidão buscada anteriormente, bem como atualmente, relacionada com a própria integridade do caráter. A nova sociedade, pautada em princípios de fraternidade, igualdade e liberdade entre os homens, não pode se consolidar em cima de receios e de desvios de atitudes entre as pessoas, porquanto, está se falando de pessoas livres que negociam diferentes produtos, entre os quais, a própria força de trabalho existente no corpo. Então, para garantir as condições necessárias ao livre comércio, as pessoas precisam ser honestas, fato este que deve ser refletido no corpo¹³. Afinal, a disciplina e a retidão são forças que devem ser desenvolvidas de dentro para fora e não o contrário. Eis o motivo pelo qual se adota a ginástica na Europa e os esportes nos Estados Unidos ao invés de aparelhos para a correção da postura, pois, como mostra Vigarello¹⁴ (1995), a correção deveria ser uma questão de disciplina e de demonstração de força de vontade.

Por outro lado, era necessário que a Educação Física, enquanto uma área de movimento e preocupada com este deveria estabelecer os estudos necessários dentro dos aspectos anátomo-fisiológicos que garantissem a execução de diferentes práticas corporais, sobretudo, aquelas mais diretamente relacionadas ao trabalho. Afinal, era importante a manutenção da postura, da respiração adequada, do conhecimento sobre o gasto energético da “máquina humana”, a noção sobre as relações entre peso e altura e, se fosse necessário, para atender a todas as demandas do trabalho, que se construíssem laboratórios para o desenvolvimento de conhecimentos com bases científicas. Por isso, a

[...] ginástica é instrumentalizada com a finalidade de multiplicar os números, ela se reestrutura com muita precisão para transformá-los em performances e melhorar os índices: o corpo deve produzir resultados que podem ser vistos, aferidos entre si, figuráveis com o rigor de uma tabela. (VIGARELLO¹⁵, 2003, p. 13)

Enfim, a Educação Física, enquanto uma nova área de conhecimento, com status de ciência no século XIX, assume para si um controle do corpo que, na realidade, não é novo. Vários foram os dispositivos utilizados durante toda a história, sobretudo, nos quatro últimos séculos que propiciaram estes tipos de vigilância e punição (Foucault¹⁶⁻¹⁸; Baptista¹⁹).

Desse modo, o controle da sexualidade e a configuração familiar¹⁸, os dispositivos adotados na prisão a partir do advento capitalista¹⁷, o controle sobre a doença e a saúde da população¹⁶, bem como, a própria forma de consolidação da educação escolar¹⁷, são dispositivos biopolíticos de controle dos corpos, e para Foucault, fazem parte de uma microfísica de controle dos corpos.

A Educação Física não fica fora desta lógica, pois, a forma como a mesma é organizada na escola, nos quartéis e na saúde, propicia uma melhoria do funcionamento do corpo físico¹⁹ e, ao mesmo tempo, colabora para o desenvolvimento do novo homem necessário à constituição de uma nova sociedade^{4, 5, 13, 19}.

Todavia, é necessário se pensar neste momento outras relações para o corpo e a Educação Física.

2. Uma Nova história a ser Contada: Educação Física para um corpo autônomo e emancipado

Apesar de a origem da Educação Física estar pautada por princípios que podem ser mencionados como positivistas, liberais, militaristas, higiênicos e eugênicos, fora outras denominações e influências sofridas ao longo dos anos, ela aparentemente avançou para outras paragens. Nesses novos tempos e espaços, a Educação Física passou a ver o corpo com outros olhos, os quais demonstram que o corpo não é uma estrutura meramente anátomo-fisiológica. O corpo transcendeu a isso nos últimos vinte anos, inclusive no Brasil.

O corpo assume, na atualidade para diferentes autores^{3,6,20} concepções distintas que tentam demonstrar o corpo como sendo uma dimensão da subjetividade e mesmo uma perspectiva holística. Alguns outros autores o colocam com elemento da formação social e histórica como o fazem Medina³ e Soares^{4,5,6,13}. Assim, ele adquire todas as características de seu tempo, com todas as marcas que lhe podem cravar, seja a do subdesenvolvimento, provocado pelas jornadas de trabalho exacerbadas e pela fome, seja pelo desenvolvimento que atinge as elites e só a elas devido ao contexto ainda existente da alienação¹¹ e da reificação¹², através de cuidados altamente qualificados da medicina atual, da boa alimentação e dos exercícios que são programados por *Personal Trainers*, com especialização em fisiologia do exercício, musculação e outros.

Estes corpos conseguem para eles todas as benesses da modernidade e, por isso, apresentam plenas condições de vida, com todos os requintes que se fizerem necessários. Eles o merecem e pagam por isso.

Entretanto, são só eles que têm este direito? O que faremos com todos os analfabetos corporais que encontramos todos os dias, e que são assim formados, porque aqueles que têm respostas a dar, só o fazem mediante um pagamento. Os professores de Educação Física não lidam com um dos componentes da cultura, seja ela entendida enquanto corporal ou de movimento. Que direito estes profissionais têm de negligenciar um saber que deve ser universal?

A partir destes pontos, este texto pretende defender a ideia de que o corpo tratado pela Educação Física e seus profissionais, independente dos espaços onde eles atuem, devem ser cuidados inicialmente por alguns pressupostos, sendo eles:

- Que o corpo é a síntese da materialidade humana que foi construída pelo trabalho, ou seja, pela ação humana no mundo, através do qual foi formado e transformado. É no corpo que se manifesta a humanidade de cada um, tendo como base a sua história pessoal e a história de seus antepassados, portanto, a própria história do homem;
- Não cabem à Educação Física ter como referência apenas as demandas do trabalho de acordo com as exigências corporais necessárias ao modo de produção, visto que, manter esse padrão é repetir a própria história, que segundo Marx²¹ (1978, p. 17), acontecerá duas vezes: “(...) a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. Corre-se o risco de que, ao repetir a história seja feito na sua forma falaciosa, se é que isto já não está acontecendo, quando se defende que o esporte, a atividade física e o exercício promovem saúde²², por exemplo.
- O corpo não é e não pode ser tratado como um objeto, que tal qual uma massa de modelar é transformado para atender às exigências do mercado. O corpo não é o cárcere da alma^{23, 24}, ele é a própria alma em sua materialidade objetiva e terrena. Não é possível assim, separá-los nem mesmo para efeitos didáticos.
- Finalmente, o corpo é acima de tudo, a síntese pela qual se vive, além do mais, ele tem que ser trabalhado e desenvolvido em busca da autonomia e da emancipação humanas e não o seu instrumento de manipulação e controle²⁵.

Desse modo, a proposição defendida acima, a partir da análise de diversos autores^{1-3, 9, 11, 12, 16-18, 22, 25}, apresenta a necessidade de diálogo da Educação Física como campo de conhecimento acadêmico e científico com a sua produção, bem como, o seu compromisso com a construção de um ser humano omnilateral²⁶.

Em face de todos os desafios que se apresentam à Educação Física, deve contribuir, para que o corpo estabeleça uma consciência-de-si que seja a mais ampla possível, de uma forma que ele esteja, não apenas preparado para atender às exigências do mercado de trabalho, mas para compreender de maneira clara quais são as determinações envolvidas e fundamentais do mundo do trabalho, demonstrando que em sua relação metabólica com a natureza, ele se transforma, interage e modifica o mundo e a si próprio.

Enfim, a Educação Física tem a responsabilidade de transmitir, elaborar e transformar a cultura a partir de si, fazendo de cada pessoa, efetivamente um sujeito histórico. Essa metodologia tem que passar por práticas que se manifestam no senso comum a fim de promover o conhecimento, reflexões do que já está instituído com o objetivo de entender qual é a essência desse elemento cultural²⁷, entendendo-se aqui a essência como uma síntese das múltiplas determinações que se manifestam no objeto de análise, discussão e, finalmente, (re) elaborações, com o desenvolvimento de novas propostas e novos contextos, que atendam não apenas às elites, mas àqueles que são desconsiderados nas elaborações atuais.

Finalmente, cabe à Educação Física realizar atividades que possibilitem às pessoas, a realização de práticas corporais pertinentes ao conhecimento do corpo e da sociedade. Experiências interessantes vêm sendo realizadas no campo da saúde, locus esse com o qual a Educação Física vem ampliando o seu debate e intervenção^{28, 29}.

Considerações Finais

Ao encerrar este pequeno ensaio, deve-se apresentar brevemente algumas reflexões que se fazem necessárias de serem tomadas e marcam esse campo de conhecimento e intervenção profissional de maneira profunda. Ao invés de se iniciar com respostas à problemática apresentada, ir-se-á terminar com perguntas que devem ser respondidas pela comunidade acadêmica e por diferentes profissionais. A primeira delas é: Que corpo se pretende formar?

A resposta a essa pergunta pode assumir, provavelmente, duas feições. A primeira delas é do corpo esquelético, doente, fraco, submetido a esforços sobre-humanos estabelecidos por trabalhos forçados, associados à fome e/ou à miséria.

Corpos estes que seriam encontrados com facilidade no Campo de Concentração de Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente dos desvalidos próximos a ir para os fornos, ou na África, em campos de refugiados de países como a Etiópia, ou ainda no sertão nordestino, sobretudo, nos períodos de grandes secas. Entretanto, se as pessoas olhassem com mais cuidado, encontrariam estes corpos na próxima esquina. Estes corpos, na atualidade, surgem como não tendo direitos sociais básicos.

Ou talvez, uma resposta melhor. Talvez se pretenda formar um corpo diferente, com massa muscular desenvolvida, baixo percentual de gordura, resistente, forte e ágil. Poder-se-ia dizer atlético, belo e preparado para os desafios da vida. O corpo que se encontra nas pistas de caminhada com seus tênis cheios de amortecedores, nas academias de ginástica, nas quadras esportivas. Pense, escolha, faça sua opção, que corpo pretende-se formar com a Educação Física, tendo em vista as atuais exigências do trabalho no mundo. Um corpo bem nutrido, bem alimentado, saudável, “sarado”.

Enfim, que escolha foi feita. Para concluir, gostaria de dizer que: 1) estes dois corpos coexistem, apresentam-se e gritam aos ouvidos quotidianamente e; 2) um é o fruto do outro na sociedade atual, o corpo que se entende por belo, só é “produzido” no contato e na formação do outro. O corpo forte pressupõe a existência do corpo “fraco”, desamparado por políticas públicas e professores desatentos.

Assim como na parábola do senhor e do escravo de Hegel (2003), em que um pressupõe a existência e a consciência do outro e de si, estes corpos se interpenetram. Eis o grande desafio. A liberdade, a diminuição da violência e das injustiças, só será diminuída quando aquele corpo dos fornos for educado em seu sentido mais amplo, alfabetizado em sua materialidade corporal, quando ele tiver acesso à cultura que lhe pertence e que ele produz, ao mesmo tempo, que se vê alijado dela.

Concluindo definitivamente, a Educação Física só será capaz de ser respeitada, ao mesmo tempo em que terá condições de desenvolver a sua função social, quando olhar para os dois corpos, e conseguir trabalhar os dois dentro de suas necessidades, não apenas, refletindo sobre eles como um amontoado de reações químicas como é visto pela fisiologia do exercício.

Para ser percebido na sua historicidade, posto nas diferentes relações sociais que o rodeia a cada segundo, o corpo precisa ser visto a partir de relações sociais concretas, determinações sociais apresentadas por um modelo inalcançável do ponto de vista social e estético. O corpo só pode ser emancipado sendo ele mesmo, ou seja, sendo reconhecido em suas especificidades e ações concretas, em suas divergências e em sua própria existência. Existência esta que o faz portador de direitos sociais fundamentais como alimentação, emprego, trabalho e renda e, por isso, igual aos outros corpos. Por outro lado, diferente em suas características, subjetividade e desejos, condições estas que devem ser respeitadas no contato com o outro.

Enfim, o corpo

[...] não vem ao mundo nem com um espelho, nem como um filósofo fichtiano: eu sou eu, o homem se espelha primeiro em outro homem. Só por meio da relação com o homem Paulo, como seu semelhante, reconhece-se o homem Pedro a si mesmo como homem. Com isso vale para ele também o Paulo, com pele e cabelos, em sua corporalidade paulínica, como forma de manifestação do gênero humano. (MARX¹, 1996, p. 181).

Dessa forma, é pelo corpo que estabelecemos relação com o outro, transformamos a realidade e somos transformados por ela. Enfim, é pelo corpo que nos reconhecemos como humanos e temos consciência do outro.

Referências

- (1) Marx, K. O capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996, v. 1. (Coleção Os Economistas).
- (2) Adorno, TW.; Horkheimer, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- (3) Medina, JPS. O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo. 3. ed. Campinas: Papirus, 1991.
- (4) Soares, CL. As imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.
- (5) Soares, CL. Educação física: raízes européias e Brasil. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2001a.

- (6) Soares, CL. *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001b.
- (7) Bracht, V. A constituição das teorias pedagógicas na educação física. In: *Caderno Cedes. Corpo e educação*. Campinas: UNICAMP, XIX (48): 69-88, Ago. 1999.
- (8) Vaz, AF. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. In: *Caderno Cedes. Corpo e Educação*. Campinas: UNICAMP, XIX (48): 89-108, Ago. 1999.
- (9) Hegel, GWF. *Fenomenologia do espírito*. 2. ed. rev. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/USF, 2003, v. Único.
- (10) Marx, K. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- (11) Marx, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- (12) Lukács, G. A Reificação e a consciência do proletariado. In: LUKÁCS, G. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- (13) Soares, CL. *Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo*. In: Carvalho, YM & Rúbio, K. (Orgs.) *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001c, 53-74.
- (14) Vigarello, G. *Panóplias corretoras*. In: Sant'Anna, DB. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, 21-38.
- (15) Vigarello, G.. *A Invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos*. *Rev. Bras. de Ciênc. do Esporte*. Campinas: Autores Associados, 25(1); 9-20, set. 2003.
- (16) Foucault, M. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- (17) Foucault, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- (18) Foucault, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- (19) Baptista, TJR. *O Poder sobre o corpo: notas sobre as políticas desenvolvidas a partir do século XVII*. *Estudos*. Goiânia: UCG, 32(3): 407-31, mar. 2005.
- (20) Oliveira, H di. *Cuidar do corpo: Pilates*. *Estudos*. Goiânia: UCG, 32(3): 433-42, mar. 2005.

- (21) Marx, K. O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- (22) Mira, CM. Exercício Físico e Saúde: da crítica prudente. In: Bagrichevsky, M; Palma, A; Estevão, A (Orgs.). A Saúde em debate na educação física. Blumenau: Edibes, 2003, v. 1, p. 169-191.
- (23) Platão. A República. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- (24) Platão. Fédon. São Paulo: Rideel, 2005.
- (25) Baptista, TJR. Educação do corpo: produção e reprodução. Tese (Doutorado em Educação). Goiânia: UFG, 2007.
- (26) Frigotto, G. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. Revista Brasileira de Educação. 14(40), 168-194, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a14.pdf>. Acesso em: 29/11/2012.
- (27) Baptista, TJR. Refletindo sobre a essência na pesquisa em ciências sociais e as possíveis relações com a Educação Física. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires. 17(170), 1-7, Jul. 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd170/pesquisa-em-ciencias-sociais-e-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 02/07/2012.
- (28) Freitas, FF. A educação física no serviço público de saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.
- (29) Luz, MT. Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo: Hucitec, 2003.